

**DA CISGENERIDADE À TRANSGENERIDADE: REFLEXÕES SOBRE O  
PROCESSO DE AMPLIAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE MULHER NEGRA EM  
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Celiomar Porfírio Ramos <sup>1</sup>  
Marinei Almeida <sup>2</sup>

**RESUMO**

Este artigo realiza um estudo da produção literária da escritora afro-feminina Conceição Evaristo, envolvendo especialmente contos, “Isaltina Campo Belo”, “Beijo na face” e “Do lado do corpo, um coração caído” presentes, respectivamente, em três antologias *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016); *Olhos d’água* (2016); *Livre* (2018). O objetivo é discutir acerca do processo de ampliação do conceito de “mulher negra” no fazer literário de da autora. A hipótese levantada no artigo é a de que a escrita de Conceição Evaristo é interseccional desde o princípio e, com o passar do tempo, outras combinações foram agregadas, gerando, assim, novas possibilidades para além das mulheres negras cisgenêras heterossexuais. O apoio teórico e crítico que deu base à discussão foi extraído das contribuições dadas pelas seguintes autoras: Silva (2010), Collins (2019), Butlher (2019), Akotirene (2019), Louro (2000), entre outras/outros.

**Palavras-chave:** Literatura Afro-brasileira. Interseccionalidade. Mulheres Negras. Conceição Evaristo

**FROM CISGENDER TO TRANSGENDER: REFLECTIONS ON THE PROCESS OF  
EXPANDING THE CONCEPTION OF BLACK WOMEN IN CONCEIÇÃO  
EVARISTO**

**ABSTRACT**

This article conducts a study of the literary production of the Afro-female writer Conceição Evaristo, especially involving short stories, "Isaltina Campo Belo", "Beijo na face" and "Do lado do corpo, um coração caído", present, respectively, in three anthologies *Insubmissas Lágrimas de Mullheres* (2016); *Olhos d’água* (2016); *Livre* (2018). The objective is to discuss the process of expanding the concept of "black woman" in the author's literary work. The hypothesis raised in the article is that Conceição Evaristo's writing is intersectional from the beginning and, over time, other combinations were added, thus generating new possibilities beyond heterosexual cisgender black women. The theoretical and critical support that formed the basis of the discussion was extracted from the contributions given by the following authors: Silva (2010), Collins (2019), Butlher (2019), Akotirene (2019), Louro (2000), among others.

**Keywords:** Afro-Brazilian Literature. Intersectionality. Black Women. Conceição Evaristo.

---

<sup>1</sup> Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras: Literatura e Crítica Literária, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PPGLET – PUC Goiás). Doutor em Literatura pela Universidade do Estado de Mato Grosso. E-mail: celiomarramoss@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora, Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (Universidade Federal de Mato Grosso) e do Programa de Estudos Literários (Universidade do Estado de Mato Grosso). E-mail: marinei.almeida@unemat.br

A autora Conceição Evaristo tem se destacado no cenário literário internacional. Com uma escrita para incomodar a casa grande, ela elabora sua produção literária a partir de uma perspectiva interseccional<sup>3</sup>, discutindo aspectos relacionados à opressão de gênero, raça e à exploração de classe.

O projeto literário desta autora está filiado à literatura afro-brasileira, que tem como proposta a dignificação do negro, a quebra e a desconstrução da narrativa de inferiorização desse grupo, que é histórica e existe há mais de trezentos anos no ocidente. Sendo assim, podemos compreender que a estrutura de toda produção literária da autora está subsidiada pela identificação com a humanidade do negro, sobretudo da mulher negra, bem como, a exaltação dessa humanidade. Esse projeto caminha na contramão da literatura dita canônica/hegemônica brasileira, posto que essa se dedicou, em muitos casos, à animalização do negro (DUARTE, 2017).

Vale ressaltar que a autora em questão não se deteve apenas a produzir textos literários. Ela vem contribuindo com reflexões críticas, através de ensaios e artigos, acerca de seu fazer literário e da literatura afro-brasileira de modo geral. Tais reflexões resultaram na criação e consolidação do termo “escrevivência”.

O professor e pesquisador Eduardo de Assis Duarte (2017)<sup>4</sup> ao abordar sobre o vocábulo “escrevivência” afirma que se trata de um projeto que envolve não só a literatura afro-brasileira, mas toda a produção literária negra, uma vez que diz respeito à escrita de homens negros e mulheres negras, marcada pela experiência/vivência desses sujeitos. Todavia, no que diz respeito especificamente às escrituras evaristianas, a autora não traz para o centro de sua escrita apenas o aspecto racial. Ela elabora um projeto literário atravessado pela questão racial, pelo gênero, pela classe, entre outras. É importante ressaltar que a autora não reduz sua escrita à apresentação das experiências de um corpo feminino negro na sociedade. Ela expõe essas experiências e, simultaneamente, combate as múltiplas opressões que atravessam os corpos femininos negros. Por isso, a compreensão de que a escrevivência evaristiana pode ser lida como uma literatura afro-feminina.

---

<sup>3</sup> O termo Interseccionalidade foi elaborado pela pesquisadora e ativista, Kimberlé Crenshaw, nas áreas dos direitos civis, da teoria legal afro-americana e do feminismo negro em 1989. O termo, segundo Crenshaw, pode ser definido como “uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação”. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento” (CRENSHAW, 2002, p. 177).

<sup>4</sup> TEXTO E CONTEXTO – Ocupação Conceição Evaristo (2017). 3 de maio de 2017, 1 vídeo (8 min 32 seg.). Canal Itaú Cultural. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vR0Ne2h0lwE&t=331s>. Acesso em 03 de junho de 2021.

Ana Rita Santiago da Silva em seu texto *Da literatura negra à literatura afro-feminina* (2010) além de trazer a sua compreensão de literatura negra, delineou o que conceitualiza como literatura afro-feminina. Segundo a autora,

a literatura afro-feminina é uma produção de autoria de mulheres negras que se constitui por temas femininos e de feminismo negro comprometidos com estratégias políticas civilizatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas/feminismos por elementos de memórias ancestrais, de tradições e culturas africano-brasileiras, do passado histórico e de experiências vividas, positiva e negativamente, como mulheres negras. Em um movimento de reversão, elas escrevem, como se apresentam neste texto, para (des)silenciarem as suas vozes autorais e para, pela escrita, inventarem novos perfis de mulheres, sem a prevalência do imaginário e das formações discursivas do poder masculino, mas com poder de fala e de decisão, logo senhoras de si mesmas (SILVA, 2010, p. 92).

Quando Ana Rita Santiago da Silva propõe que haja uma nomenclatura para a literatura produzida por mulheres negras, *afro-feminina*, com as características acima elencadas, a estudiosa assume um posicionamento político importante, posto que requer e reconhece, em simultâneo, a necessidade de um espaço específico na literatura para as mulheres negras. Ademais, legitima a ideia de que a produção da mulher negra brasileira tem características que se aproximam da literatura negra ou afro-brasileira, porém tem peculiaridades que a tornam singular.

A literatura afro-feminina engloba dois aspectos: o feminino negro e o feminismo negro. A aglutinação dessas duas vertentes torna essa literatura, à luz das proposições da autora, genuinamente política. Adotada essa compreensão, entenderemos que a escrita das mulheres negras brasileiras trata simultaneamente das vivências desse grupo, do ser mulher negra no Brasil. No entanto, não se reduz a isso, mas vai além: ela é posta como discursos, nas palavras da autora, “comprometidos com estratégias políticas civilizatórias e de alteridades, circunscrevendo narrações de negritudes femininas” (SILVA, 2010, p. 92).

Dado o exposto, propomos refletir sobre a produção literária de Conceição Evaristo como uma literatura afro-feminina comprometida com estratégias civilizatórias e de alteridade, sobretudo, da mulher negra. É importante ressaltar que o termo “sobretudo” aqui merece destaque, posto que, Patricia Hill Collins, ao refletir sobre o feminismo negro compreende que este movimento social não tem o compromisso de lutar apenas contra as opressões que atravessam as mulheres negras, mas se constitui como um movimento empenhado em combater as injustiças sociais que vitimizam os demais grupos oprimidos. Segundo a autora “a identidade do pensamento feminista negro como teoria social ‘crítica’ reside em seu compromisso com a

justiça social, tanto para as estadunidenses negras como coletividade quanto para os grupos oprimidos” (COLLINS, 2019, p. 9).

Conceição Evaristo em sua produção literária dialoga com as proposições de Patricia Hill Collins. Todavia, isso não acontece desde o início de sua carreira literária. É resultado do que entendemos aqui como um processo ampliação da concepção de mulher. Ousamos afirmar que ocorre, especialmente, quando Conceição Evaristo passa a reconhecer conscientemente que a literatura que produz estabelece diálogo com o feminismo negro e é, portanto, afro-feminina, ou seja, apresenta experiências das mulheres negras por meio das “escrevivências”. Nesse sentido, sua escrita é marcada por um discurso que combate o sexismo, o racismo, e a exploração de classe, entre outras opressões.

Esse processo de ampliação resulta, por exemplo, no reconhecimento de que as mulheres, inclusive as mulheres negras, são múltiplas. Tal proposição estabelece diálogo com a assertiva da filósofa estadunidense Judith Butler (2017) que defende que se alguém é uma mulher, isso não é tudo. Faz-se necessário estabelecer diálogos com outros aspectos, dentre eles a raça, a classe, a etnia e a sexualidade.

Há nesse processo uma ampliação da concepção sobre “mulher”. Isso fica evidente quando olharmos a produção literária de Conceição Evaristo nos diferentes gêneros literários em prosa – romances e contos. Apesar de ela construir suas personagens a partir de uma perspectiva interseccional, não eram abordados temas relevantes na contemporaneidade, tais a identidade de gênero.

As mulheres negras heterossexuais cisgêneros ocupam nos contos e nos romances elaborados por Conceição Evaristo. Todavia, é importante ressaltar que com a ampliação da concepção de mulher, as mulheres negras que não se encaixam no perfil citado, de forma gradativa, têm sido inseridas nas escrevivências evaristianas. Dado o exposto, abordaremos sobre algumas personagens que são mulheres negras cisgêneros lésbicas e daremos especial atenção à uma mulher negra transgênera.

Os corpos que se assumem fora do imperativo heterossexual, compreendidos como abjetos, segundo Judith Butler (2019), são, muitas vezes, forcluídos ou têm negada a sua identificação. Nos termos da autora, os abjetos são “aqueles que ainda não são ‘sujeitos’ (...) O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “não-visíveis” e “inabitáveis” da vida social que, não obstante, são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o estatuto de sujeito” (BUTLER, 2019, p. 18).

Com base no exposto, é possível pensar que aqueles “fora do padrão” da sexualidade considerada “normal”, portanto, desviantes, podem ser/são adjetivados como abjetos, devido

ao fato de não serem considerados sujeitos, a partir da perspectiva da norma. Por isso, sendo "não-visíveis" e "inabitáveis", conseqüentemente, são invisibilizados pela história oficial e, muitas vezes, pela arte de modo geral.

Essa afirmativa se torna um tanto coerente quando pensamos na produção literária afro-feminina. Se aqueles considerados abjetos são invisibilizados socialmente, por conseguinte, eles serão invisibilizados também na literatura, já que ela e a sociedade têm um estreito diálogo, segundo Antonio Candido (2006). Ademais, dialogando com o exposto, Benjamin Abdala Junior em *Literatura história e política* (1989) argumenta que "quando o escritor escreve, pode julgar que o texto é apenas seu, não tendo consciência de que na verdade é a sociedade que escreve através dele" (ABDALA JUNIOR, 1989, p. 23).

Isto posto, entendemos que a literatura não é um espelho da realidade, como pressupõe a ingênua concepção da mimesis literária. No entanto, considerando as proposições dos críticos literários, é possível verificar a íntima relação entre literatura e a sociedade nas obras de Conceição Evaristo.

Feitas essas observações, embora o apagamento sistemático das vozes negras persista, o movimento feminista negro aliado à literatura afro-feminina tem reconhecido, ainda que pouco a pouco, a existência dessas vozes dissonantes que foram silenciadas pelo sistema cisheretopatriarcal branco cristão. Além disso, tem se empenhado em torná-las audíveis ao outorgar certo protagonismo aqueles que estiveram à margem da sociedade e, frequentemente, são atravessados por múltiplas violências.

A partir dessas considerações, agora, propomos discutir três contos de Conceição Evaristo, presentes nas seguintes antologias: *Insubmissas lágrimas de mulheres*<sup>5</sup> (2016); *Olhos d'água*<sup>6</sup> (2016); *Livre*<sup>7</sup> (2018), evidenciando três mulheres negras que não correspondem ao padrão cisheretopatriarcal branco cristão. Contudo, dispensaremos maior atenção, a personagem transgênera racializada, protagonista do conto *Do lado do corpo um coração caído* (2018).

---

<sup>5</sup> Trata-se de uma antologia constituída por treze contos: Amarides Florença; Natalina Soledad; Shirley Paixão; Adelia Santana Limoeiro; Maria do Rosário Imaculada dos Santos; Isaltina Campo Belo; Mary Benedita; Mirtes Aparecida da Luz; Líbia Moirã; Lia Gabriel; Rose Dusreis; Saura Benevides Amarantino; Regina Anástacia. Vale ressaltar que na obra citada todas as protagonistas são mulheres negras.

<sup>6</sup> A obra em questão é uma antologia com quinze contos: Olhos d'água; Ana Davenga; Duzu-Querença; Maria; Quantos filhos Natalina teve? Beijo na face; Luamanda; O cooper de Cida; Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos; Di lixão; Lumbiá; Os amores de Kimbá; Ei, Ardoca; A gente combinamos de não morrer; Ayoluwa, a alegria de nosso povo. Alguns dos contos citados já haviam sido publicados nos *Cadernos Negros*.

<sup>7</sup> *Livre* é uma publicação coletiva, resultado do "Festival Internacional de Literatura e Direitos Humanos" que ocorreu em Brasília em 2018. Os escritores/escritoras que participaram da coletânea com textos literários foram: Beatriz Leal Craveiro, Conceição Evaristo, Cristiane Sobral, José Luís Peixoto, Julián Fuks, Lisa Alves, Natalia Borges Polesso, Paulliny Gualberto Tort e Sheyla Smanioto.

No que diz respeito à antologia *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) vamos tratar especificamente sobre o conto “Isaltina Campo Belo”. A personagem que dá nome ao texto, Isaltina, por não se identificar aos padrões da sociedade, vivencia conflitos de identidade de gênero e de orientação sexual desde a infância. A protagonista, a partir de suas lembranças, rememora na fase adulta os conflitos sexuais e de gênero que marcam toda a sua vida, por se sentir diferente: “Tive uma infância feliz, só uma dúvida me perseguia... Estavam todos enganados. Eu era um menino” (EVARISTO, 2016, p. 57-58).

O conflito de identidade de gênero se torna algo evidente no fragmento apresentado. Isaltina Campo Belo ao olhar para si não se reconhece como uma mulher. Portanto, dá indícios ao leitor de que é um homem transgênero. Ao longo do enredo o sentimento de inadequação, de estar fora do lugar, acompanha a personagem.

Há, então, um conflito que marca a vida de Isaltina Campo Belo. Apesar de ela ter um corpo de menina, em parte considerável da narrativa, Isaltina carrega a certeza de que era um menino preso num corpo feminino. O desejo pelas “doças meninas” corrobora de forma significativa a hipótese da personagem. A vida da protagonista é marcada por múltiplas violências simbólicas, dentre elas a imposição social da expressão de gênero feminina, aliada à cisgeneridade e, por fim, o reconhecimento da existência apenas da heterossexualidade contribui para a crise de identidade da personagem.

Esse não reconhecimento de outras expressões de gênero resulta, muitas vezes, numa violência simbólica<sup>8</sup>. Porém, em alguns casos, não se restringe a essa violência. O conto em questão, por exemplo, inicia com a violência simbólica, porém culmina na prática de uma violência sexual, mais especificamente, num estupro coletivo corretivo<sup>9</sup> contra a protagonista, pois um dos agressores defendia que “eu [Isaltina Campo Belo] deveria gostar muito e muito de homem, apenas não sabia. Se eu ficasse com ele, qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre o sexo entre um homem e uma mulher acabaria” (EVARISTO, 2016, p. 64).

Apesar dos inúmeros conflitos de identidade de gênero, de orientação sexual e das violências perpetradas contra Isaltina Campo Belo, ao final da narrativa, quando ela encontra a professora de sua filha, ela se reconhece como uma mulher cisgênero lésbica e à vista disso,

---

<sup>8</sup> O termo “violência simbólica” é utilizado por Pierre Bourdieu em *A dominação masculina* (2017) para fazer referência a “violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas [as mulheres]” (BOURDIEU, 2017, p. 12)

<sup>9</sup> A comissão Interamericana de Direitos Humanos (2015, p. 123), com base em Lehavot & Simpson (2013) apresenta a seguinte definição de estupro corretivo: “O ‘estupro corretivo’ foi definido como um ‘crime de ódio no qual uma pessoa é estuprada por causa de sua orientação sexual ou de gênero percebida, buscando que como consequente do estupro seja ‘corrigida’ a orientação da pessoa, ou que ‘ajam’ de maneira mais condizente com seu gênero”.

afirma: “não havia nenhum menino em mim, não havia nenhum homem dentro de mim” e, por fim, complementa que compreendeu que “eu [Isaltina Campo Belo] podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar minha semelhante” (EVARISTO, 2016, p. 66 – 67).

O processo de ampliação da concepção de mulher de Conceição Evaristo permitiu que ela incluísse em sua produção personagens e temas ainda hoje pouco abordados na literatura brasileira, tal como a orientação sexual, interseccionando com a questão racial. Isso se torna, sem dúvidas, um diferencial que deve ser observado, posto que as personagens apresentadas nos enredos não reproduzem estereótipos, ao contrário, mostram a necessidade de reconhecer as identidades dissidentes como naturais e legítimas.

Há ainda outra personagem que se distancia dos moldes da heteronormatividade, seu nome é Salinda. Ela é protagonista do conto *Beijo na face*, presente na obra *Olhos d'água* (2016). Salinda é dona de casa, esposa, mãe e vive um relacionamento marcado por violências, sob constante ameaça e continuamente vigiada pelo marido.

Em meio a esse caos a personagem se apaixona por uma semelhante. Como afirma no enredo, ela “estava aprendendo um novo amor. Um amor que vivia e se fortalecia na espera do amanhã” (EVARISTO, 2016, p. 51). É interessante pensar que apesar das violências perpetradas pelo homem, por intermédio das vigilâncias constantes, das ameaças sofridas, da “quase prisão domiciliar”, Salinda tenta romper com o companheiro para viver o novo relacionamento: um amor lesboafetivo. Porém, inicialmente sem sucesso, visto que havia elementos que a impediam de deixá-lo: a insegurança diante das ameaças sofridas.

Embora a violência simbólica e os modernos aparatos coloniais circundem a vida da personagem, merece destaque, neste contexto, a insubordinação de Salinda diante das opressões. Isso se evidencia, sobretudo, quando ela, apesar de ter consciência de todos os riscos que enfrenta, decide viver o amor, mesmo em segredo.

Esse ato faz com que a personagem rompa com o lugar outorgado às mulheres negras pela sociedade cisheteropatriarcal branca cristã: de submissão, de resignação e de objeto de prazer do homem, principalmente, do homem branco. Após o ex-marido descobrir o amor de Salinda por outra mulher, ele a ameaça:

Disse ainda que não queria vê-la nunca mais, mas era bom ela ir se preparando para uma guerra. Não ia matá-la. Não ia cometer suicídio. Mas ia disputar ferrenhamente os filhos. Ele queria os filhos, todos. Ah, queria!... *Salinda recebeu o golpe com a cabeça erguida. Sua voz não podia demonstrar nenhum temor* (EVARISTO, 2016, p. 57 – grifos nossos).

O rompimento do lugar conferido sócio-historicamente à mulher negra se materializa no texto literário quando Salinda, mesmo consciente dos riscos, enfrenta a situação e declara receber o golpe com a cabeça erguida. Isto posto, demonstra que a personagem, embora esteja abalada, não cede às ameaças e tentativas de subjugação, portanto, prepara-se para a guerra anunciada. Ela se mostra disposta a (re)afirmar “a força de um amor entre duas iguais. Mulheres, ambas se pareciam. Altas, negras e com dezenas de *dreads* a lhes enfeitar a cabeça. Ambas aves fêmeas, ousadas mergulhadoras na própria profundidade” (EVARISTO, 2016, p. 57).

Outro exemplo da ampliação da concepção de mulher negra no processo de ampliação da concepção de mulher em Conceição Evaristo é a inclusão de uma mulher transgênera negra no rol das personagens de sua escrita. Tal aspecto se torna importante, ao passo que valida a existência de outras formas de identidade femininas rompendo, então, com o pensamento arcaico e conservador da sociedade cisheteronormativa branca cristã.

Quando Conceição Evaristo realiza tal ação em sua escrita, ela amplia a concepção de “mulher”, extrapolando os “limites” impostos por parte da sociedade que defende e reconhece a cisgeneridade como única identidade de gênero possível. Este ato corrobora para a desconstrução do termo “mulher”. Vale ressaltar, que desconstrução aqui é pensado não como uma negativa ou descarte do termo, mas num processo de “abrir um termo, (...) a uma reutilização e uma redistribuição que anteriormente não estavam autorizadas” (BUTLER, 1998, p. 24).

O conto *Do lado do corpo, um coração caído*, protagonizado por uma mulher negra transgênera inicia com o relato de que há um “corpo-mulher (...) embocado no chão” (2018, p. 33). Essa personagem, que não é nomeada no conto, assim como Isaltina Campo Belo e Salinda, contribui para a desconstrução da concepção hegemônica de mulher. Nos contos anteriormente analisados, a autora abordou, sobremaneira, acerca da sexualidade, ou seja, as formas de expressar os desejos, apesar de ter mencionado aspectos da identidade de gênero em *Isaltina Campo Belo*. No conto *Do lado do corpo, o coração caído*, Conceição Evaristo traz para o centro da discussão questões relacionadas à identidade de gênero.

Vale ressaltar que, reiteradas vezes, é mencionado no início desse conto o termo “mulher”, conforme é possível observar: um “corpo-mulher”; “o sangue que ainda vivo escorria por baixo do rosto da *mulher*”; “havia um corpo de *mulher* estendido”. Previamente, leva-nos a acreditar que essa repetição ocorre com o intuito de demonstrar a violência do feminicídio, um crime que todos que rodeavam o corpo-mulher estirado no chão questionavam quem era o algoz. A narradora, ao repetir o termo em questão, busca, além de ressaltar o crime, (re)afirmar

a identidade da personagem. Essa assertiva se torna contundente à medida que, no decorrer do enredo, algumas informações vão sendo apresentadas.

A morte é o ponto de partida para tratar sobre a “quase vida” da personagem. Toda a história, num diálogo entre o passado e o presente, é narrada por uma senhora, viúva há três anos que observa a movimentação da rua do quinto andar de seu apartamento. Posto que, apesar de inaugurar o conto com o corpo-mulher estendido na rua, a viúva, ao se deparar com a cena, lembra de seu falecido esposo, Josué Pai, e de seu descendente, Josué Filho, fruto de seu casamento. As histórias estão interligadas, por isso, esse diálogo se faz necessário.

A narradora ao apresentar o filho, informa que Josué Filho não se encaixa nos moldes da sociedade cisheteropatrial, branca e cristã desde a infância:

Nosso menino, Josué Filho, parecia não ser bem um menino, desde pequeno. Quando lhe era dado carrinhos, ele brincava por poucos instantes, mas seu interesse maior era pelas bonecas das primas. Ao menor descuido de minha parte, pegava o meu estojo de maquiagem e punha a pintar o rosto. No jardim de infância sempre se colocava na fila das meninas e um dia, aos sete anos, me perguntou o porquê do nome dele ser de menino. E quando eu lhe expliquei que era porque ele era um menino, Josué chorou, gritou e afirmou veementemente que ele era uma menina (EVARISTO, 2018, p. 35).

Os pontos elencados pela mãe-narradora merecem, sem dúvidas, especial atenção, por ressaltarem as inadequações de seu filho perante as imposições da sociedade que não reconhece outras identidades de gênero além da cisgeneridade, à medida que advoga que a identidade de gênero está intimamente ligada ao sexo biológico.

Naquele contexto, ainda na infância, segundo a mãe-narradora, ela compreendeu que, embora Josué Filho possuísse o órgão genital masculino ele era uma menina:

(...) ele não era, ou melhor, nunca tinha sido o menino que eu parira e que o pai acreditava ser. Entendi que apesar do piupiuzinho que ele trazia entre as pernas, Josué, nosso filho, era nossa filha. Josué era uma menina” (EVARISTO, 2018, p. 35).

O reconhecimento da mãe sobre Josué Filho é relevante, pois demonstra o processo de aceitação e, sobretudo, de constatação de que sexo biológico não está relacionado à identidade de gênero. Portanto, Josué é uma mulher transgênera, ou seja, embora tenha sido designado em seu nascimento como menino, por nascer com o órgão genital masculino, ele se identifica com o gênero oposto.

Enquanto a mãe-narradora reconhece a filha, Josué Pai se nega a aceitar essa ideia, pois acredita que o sexo anatômico está sempre em consonância com a expressão de gênero. Portanto, recusa qualquer expressão de gênero que apresente dissonância aos padrões impostos

pela sociedade. Tal assertiva se confirma quando a mãe-narradora informa que Josué Pai ao ouvir Josué Filho relatar ser uma menina, toma a seguinte atitude:

O pai pegou o menino, arriou a calça dele e no mesmo instante abriu a própria braguilha. E num gesto também desesperado, quase esfregando as suas partes íntimas no rosto do filho, afirmava em altos brados, que os dois eram iguais, que ele era um menino. Bastava ele tocar as suas próprias partes para perceber que ele tinha entre as pernas, era algo que as mulheres não tinham. E a partir daquele momento a vida da criança se tornou um inferno (EVARISTO, 2018, p. 35 - 36).

Josué Pai, ao tomar essa atitude violenta, expressa não só seu posicionamento no que diz respeito a identidade de gênero da filha. Ele representa parte considerável da sociedade que se constitui a partir da égide cisgênera que insiste, ainda hoje, em não reconhecer a existência de algo incontestável: as múltiplas identidades de gênero.

Essa parte da sociedade defende a concepção de que a sexualidade é algo que homens e mulheres possuem “naturalmente”; que a nossa identidade de gênero está fundada somente na cisgeneridade, e, portanto, impera a presunção de que “todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma” (LOURO, 2000, p. 8). Todavia, conforme é possível perceber, por meio das ações de Josué Filho, o sexo biológico é um elemento que não está ligado à identidade de gênero e, muito menos, à condição sexual.

A não aceitação da filha resulta, como a narradora menciona, numa tormenta constante na vida da criança. Dentre as ações que caracterizam o inferno instaurado na vida de Josué Filho podemos enumerar: a matrícula numa escola só para meninos; a educação que passou a ser responsabilidade exclusiva do pai; a obrigatoriedade de realizar atividades “de menino”, tais como futebol, soltar pipas, ir ao hipódromo. O ápice de todas as violências sofridas, nomeada pela narradora como “a última violência”, deu-se quando Josué Pai contrata uma garota de programa chamada Aurora, para Josué Filho “experimentar como era gostoso ser homem” (EVARISTO, 2018, p. 36).

Josué Filho sendo, portanto, uma mulher transgênera heterossexual não esboçou nenhum desejo por Aurora. Em vista disso, antes vítima apenas da violência simbólica perpetrada pelo pai, agora, por não corresponder, mais uma vez, às expectativas do genitor, não reagindo perante uma mulher que está, naquele contexto, para servi-lo sexualmente, Josué Filho é vítima de agressões físicas:

O desejo de Josué [Filho] não reagiu. Nele só a dor, o desamparo, a falta de lugar no mundo macho do pai. E ali diante da moça o pai lhe agrediu mais ainda. ‘Comeu-lhe na porrada’, essas foram as palavras da moça. Ela temerosa fugiu quando percebeu que o menino, ou melhor, a minha menina, chorava sangue de seu olho esquerdo machucado (EVARISTO, 2018, p. 37).

A não aceitação de Josué Filho e as violências que marcaram seu corpo, e por consequência, sua vida, além de sua “falta de lugar no mundo macho do pai”, personificação da sociedade, resulta em sua fuga de casa. É necessário mencionar que Josué Pai corresponde, desse modo, a um arquétipo dessa sociedade que não aceita aqueles que não estão em conformidade com a norma por ela imposta. Ademais, age de forma violenta contra os corpos considerados dissidentes.

Após tomar conhecimento da morte de Josué Pai, a menina escreve à mãe informando que irá voltar para o reencontro. Além disso, adverte haver (trans)formado seu corpo em outro corpo. A mãe-narradora, como resposta, informa à filha, que ela era a única dona de seu corpo. O comentário da mãe, neste contexto, apresenta-se como um elemento que merece especial atenção, sobretudo, quando ela aceita a filha com seu corpo readequado à sua identidade, e reconhece que esse corpo pertence apenas à filha. O discurso da narradora-mãe é, então, subversivo, uma vez que corrobora a destituição do pensamento social vigente de que os filhos e a esposa, num processo de reificação, pertencem ao homem.

A narradora-mãe, após percorrer o passado, volta-se para o presente, para o corpo-mulher estendido sem vida no asfalto. Observa com um olhar mais atento aquele corpo de uma mulher que, aparentemente, era vaidosa. Decide que precisa ir ver mais de perto. Ao se aproximar, ouve: “alguém me sussurra ao lado que foi um crime de homofobia” (EVARISTO, 2018, p. 38). Após chegar mais próximo do corpo-mulher emborcado no chão, reconhece a bolsa que havia dado à filha e conclui que a vítima da violência é sua filha.

Embora no enredo o crime seja caracterizado pelas pessoas como homofobia, estamos lidando com um crime que é resultado de transfobia<sup>10</sup>, ou seja, trata-se de um transfeminicídio. Berenice Bento afirma que os assassinatos de pessoas transgêneras, geralmente, são contabilizados como violências contra os LGBTTT<sup>11</sup>. Todavia, a pesquisadora recomenda que o termo que deve ser usado é transfeminicídio, visto que se trata de “nomear os assassinatos cometidos contra a população trans (...), reforçando que a motivação da violência advém do gênero” (BENTO, 2014, p.1).

---

<sup>10</sup> A pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus em seu texto *Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio* define o termo transfobia como: “preconceito, desatendimento de direitos fundamentais (diferentes organizações não lhes permitem utilizar seus nomes sociais e elas não conseguem adequar seus registros civis na Justiça), exclusão estrutural (acesso dificultado ou impedido a educação, ao mercado de trabalho qualificado e até mesmo ao uso de banheiros) e de violências variadas, de ameaças a agressões e homicídios, o que configura a extensa série de percepções estereotipadas negativas e de atos discriminatórios contra homens e mulheres transexuais e travestis denominada ‘transfobia’” (JESUS, 2013, p. 105 – 106).

<sup>11</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

A menina não nomeada ao longo do enredo, por ser calada em virtude da violência intrafamiliar e, posteriormente, extrafamiliar, leva-nos à compreensão de que Josué Filho sofreu não só por “falta de lugar no mundo macho do pai” (EVARISTO, 2018, p. 37), mas por falta de lugar na sociedade que, ainda hoje, insiste em não reconhecer esses corpos tidos como abjetos e, frequentemente, os condenam à margem da sociedade, isso quando não os exterminam, como se não tivessem direito à vida.

Tais reflexões se tornam coerentes quando a narradora vai ao encontro do corpo-mulher da filha, já sem vida, estirado no chão e questiona quem é responsável pelo crime:

Conheço esse corpo, saiu de mim. Planto-me aqui, eu sentinela de um corpo assassinado que não consegui guardar. Essa é minha menina. Tenho dor. Meu peito explode. Algo me fere o peito. *Quem matou minha menina? O pai? Eu? Vocês? Quem matou minha menina? Quem matou minha menina?* (EVARISTO, 2018, p. 39 – grifos nossos).

A narradora-mãe ao reconhecer o corpo-mulher assassinado da filha e, em seguida, apresenta o questionamento “quem matou minha menina?”, inquirindo: “O pai? Eu? Vocês”, leva-nos à compreensão de que a sociedade como um todo, por legitimar apenas um sistema ou diante dele se calar, cooperou para a morte da filha.

Corpos que não importam, como o da filha da narradora-mãe, são vítimas constantes, sobretudo, no Brasil. Posto que, segundo dossiê apresentado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais – (ANTRA) (2020), o Brasil ocupou, em 2020, o primeiro lugar no *ranking* de assassinatos de pessoas trans no mundo. Além disso, o dossiê informou que a expectativa média de vida de uma pessoa trans é de, apenas, 35 anos (BENEVIDES; NOGUEIRA, 2021).

Dado o enredo construído por Conceição Evaristo e as reflexões suscitadas por ele, as observações feitas pela mãe-narradora, os dados apresentados pela ANTRA, podemos compreender que: (1) o processo ampliação da concepção de mulher em Conceição Evaristo tornou sua escrita sensível, embora marcada pelo brutalismo poético<sup>12</sup>, trazendo para o centro da narrativa um corpo que não<sup>13</sup> importa, uma mulher trans que a sociedade insiste com afinco em não reconhecer como mulher. Todavia, neste contexto, a autora (re)afirma e reconhece tal identidade; (2) As observações feitas pela narradora-mãe nos permitem perceber que os modernos aparatos coloniais – racismo, sexismo, machismo, cisheteronormatividade, etc. – contribuem de forma significativa para a sujeição das mulheres, independente de elas serem

<sup>12</sup> O termo “brutalismo poético” foi cunhado pelo professor e pesquisador Eduardo de Assis Duarte. Essa expressão tem como finalidade nomear o entrelaçamento entre “o realismo cru e ternura que marca as narrativas da autora” (DUARTE, 2013, p. 151)

<sup>13</sup> Alerto ao leitor de que isso é usado de forma proposital.

cisgênero ou trans. Todavia, faz-se necessário ressaltar que as mulheres trans são atravessadas por violências outras que o corpo feminino cisgênero não vivencia; (3) por meio dos dados do relatório apresentado pela ANTRA é possível perceber que literatura e sociedade estabelecem íntimo diálogo, embora a literatura pouco tenha abordado sobre as violências<sup>14</sup> que atravessam os corpos tidos como abjetos.

Dito isso, observamos que o processo ampliação da concepção de mulher em Conceição Evaristo se torna um tanto inovador quando a autora coloca a mulher negra (cisgênero) como protagonista, enquanto a literatura hegemônica atribui papéis secundários, muitas vezes, marcados por estereótipos. Porém, quando a autora aborda de forma sensível mulheres negras cisgêneros lésbicas e uma mulher transgênera, suas vivências, as violências e a inadequação num contexto cisheteropatriarcal branco cristão, sem elas serem marcadas por estereótipos, podemos compreender que a visibilidade (inter)nacional da autora não é um mero acaso. É o resultado de um trabalho cada vez mais maduro e consistente de uma mulher negra insubmissa diante da sociedade em questão e comprometida com suas semelhantes, independente da identidade de gênero, da condição sexual e da expressão de gênero.

## REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, B. **Literatura: história e política**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Orgs). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

BENTO, Berenice. **Brasil: O país do trans feminicídio**. CLAM, Rio de Janeiro, 2014.

BONAMIGO, Irme Salete. Violências e contemporaneidade. **Revista Katálysis**, v. 11 n. 2 (2008).

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: Crocodilos, 2019.

---

<sup>14</sup> O termo violência deve ser usado sempre no plural, pois uma violência sempre virá atrelada a outras, segundo Irme Salete Bonamigo (2008).

BUTLER, Judith. **Fundamentos contingentes: feminismo e a questão do pós-modernismo.** In: Cadernos Pagu. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, v.11, p. 11- 42,1998.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** 9ª Edição. Rio de Janeiro: Ouro Nobre Azul, 2006.

COLLINS, Patricia Hill. A mulher negra como teórica social crítica. In: COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** Boitempo em 2019.

COSER, Stelamaris. Circuitos transnacionais, entrelaçamentos diaspóricos. In.

DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A (Org.). **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo.** 2ª ed. Belo Horizonte, Idea, 2018.

DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. **Navegações,** Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 146-153, jul/dez. 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis. Rubem Fonseca e Conceição Evaristo: Olhares distintos sobre a violência. In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A (Org.). **Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo.** 2ª ed. Belo Horizonte, Idea, 2018.

EVARISTO, Conceição. Do lado do corpo, um coração caído. In: CRAVEIRO, Beatriz Leal (Org.). **Livre.** Belo Horizonte, Moinhos, 2018.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água.** Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas Lágrimas de mulheres.** Rio de Janeiro: Malê, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande.** São Paulo: Editora Unipalmars, 2018.

**INTER-AMERICAN COMMISSION ON HUMAN RIGHTS.** Violência contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo nas Américas / Comissão Interamericana de Direitos Humanos. Doc. 36/15 rev.1 12 novembro 2015 Original: Inglês. Disponível em: <http://www.oas.org/pt/cidh/docs/pdf/violenciapessoaslgbti.pdf>. Acesso em 16 de julho de 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes de. Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. In: MARANHÃO Fº, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. **História Agora,** v.16, nº 2, pp.101-123, 2013.

LOURO, Guacira. Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira. Lopes.. **O corpo educado.** Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 7-34.

RAMOS. Celiomar Porfírio. As múltiplas faces das mulheres negras: um olhar interseccional sobre as escrevivências de Conceição Evaristo. 2022. Tese (Doutorado em Estudos Literários). 289 f. Universidade do Estado de Mato Grosso, Tangará da Serra, 2022.

RAMOS, Celiomar Porfírio; ALMEIDA, Marinei. Conceição Evaristo: uma escrita de corpos femininos marcados pela violência. *Revista Athena*, v. 17, n. 2, 2019.

RAMOS, Celiomar Porfírio; FERREIRA, Rosineia da Silva. Violência e subalternidade—dois caminhos que se cruzam na história da mulher afro-brasileira: uma possível leitura do conto Maria, de Conceição Evaristo. In: Congresso Internacional ABRALIC. 2018.

RAMOS, Celiomar Porfírio; DA SILVA FERREIRA, Rosineia. As violências sexuais: o estupro como uma dor recorrente nas escrituras de Conceição Evaristo. *Revista Falange Miúda*, v. 6, n. 1, p. 118-132, 2021.

RAMOS, Celiomar Porfírio; ALMEIDA, Marinei. A lesbianidade negra em Conceição Evaristo: Isaltina Campo Belo. *Revista de Letras Norte@mentos*, v. 14, n. 35, 2021.

SILVA, Ana Rita Santiago da. Da literatura negra à literatura afro-feminina. *Via Atlântica*, [S. l.], n. 18, p. 91-102, 2010.

WITTMANN, Isabel. (2019). O "Corpo Nasce de uma Identidade": Reflexões sobre a construção do corpo em experiências transgênero. *Cadernos De Campo (São Paulo - 1991)*, 28(2), 86-107.